PESQUISA NACIONAL SOBRE ORGANIZAÇÕES DE JUVENTUDES

»NEGRAS«

Itaú Social

OBSERVATÓRIO DE FAVELAS

1. Apresentação

Este sumário executivo apresenta um quadro sintético dos resultados da Pesquisa Nacional sobre Organizações de Juventudes Negras, cujo objetivo maior se inscreve na construção de um painel global de organizações de juventudes e daquelas que atuam com elas no sentido de afirmar e garantir os direitos desses grupos sociais no Brasil. Busca-se, portanto, revelar as diferentes potências de atuação e das escalas territoriais de inserção, bem como a significativa influência dessas organizações para a construção de uma agenda de direitos para superação do racismo institucional na sociedade brasileira.

2. A metodologia da pesquisa

A metodologia da pesquisa foi constituída a partir de um desenho de investigação composto de inventários preliminares de organizações atuantes na temática do racismo no país, preferencialmente as que atuavam com jovens ou são compostas deles. Assim, construímos um cenário que permitiu classificar e categorizar essas organizações por tipologias de composição social, conteúdo propositivo e atuação principal.

Após o inventário aludido, foram ativados filtros de classificação para a aplicação de entrevistas em profundidade. Foram selecionadas e entrevistadas 20 organizações para esta etapa da pesquisa. Ampliamos a diversidade e a dimensão das informações obtidas por meio de um procedimento de coleta de informações mais objetivas, que permitiram compor um panorama mais abrangente, com 54 com atuação nas cinco regiões do país, sendo que 40 delas responderam satisfatoriamente a nosso instrumento de pesquisa. Para além das informações sobre as organizações, também mapeamos os projetos desenvolvidos e em desenvolvimento, alcançando 63 projetos que envolvem jovens negras e negros.

3. Os sujeitos da pesquisa

Trata-se de um sujeito coletivo, complexo e plural: as juventudes negras. Pode-se afirmar que a juventude tem suas dinâmicas próprias, embora inseridas em historicidades concretas. A juventude é construída em suas práticas, em seus encontros, em suas concepções de mundo, assim como na construção de seus pertencimentos, no compartilhamento de identidades e no fazer de suas sociabilidades. É justamente nesse

processo – e nas condições do fazer-se – que os jovens se apropriam da vida social, mobilizam aspirações, interpretam o mundo e agem para afirmarem-se como sujeitos individuais e coletivos de uma sociedade.

Os jovens não são abstratos. Há modos de se vivenciar o ser jovem nas condições de classe social, raça, etnia, gênero e território de existência. Por isso, o emprego da expressão *juventudes* parece ser mais adequado. É preciso também reconhecer a diferença e a desigualdade que fazem os jovens corporificados e as jovens corporificadas. É nessa perspectiva que podemos falar sobre as juventudes negras.

As juventudes negras são marcadas por desigualdades nos mais distintos campos da vida social no Brasil. As taxas de evasão e reprovação escolar, o trabalho precário e os baixos salários, o desemprego, o encarceramento no sistema prisional e o trágico genocídio que ceifa suas vidas são marcações da desigualdade profunda vivida pelas juventudes negras. Desigualdades explícitas, porém, perversamente naturalizadas ao se imputar aos próprios jovens a responsabilidade por sua condição histórica.

Estamos, resumidamente, convocando a atenção para as condições reais e concretas das juventudes negras (ela mesma é diversa!) em nosso país. Entretanto, longe de viver passivamente a distinção de direitos estruturada na violência das relações racializadas, as juventudes negras inventam e reinventam suas lutas individuais e coletivas em busca de sua visibilidade como sujeitos de direitos. Elas e eles ingressam no ensino superior enfrentando condições adversas para a permanência e a meritocracia que os discrimina negativamente. Elas e eles criam suas narrativas estéticas nos *slams*, nas rodas de rima, nos bailes funks. Elas e eles estão ampliando seus repertórios de leitura crítica da sociedade brasileira com literatura "marginal", hip-hop, funk, grafite. Estão aí com seus filmes e fotografias criando representações de si e de seus territórios em contraponto aos estigmas de violência e aos estereótipos de carência que historicamente se fizeram dominantes. Buscam também maior representatividade política de suas causas em organizações e fóruns da sociedade civil. São experiências mediadas por indivíduos e coletivos, sejam eles institucionalizados ou não, apresentando possibilidades e desafios de invenção de agendas e agenciamentos de enfrentamento e superação do racismo e do racismo institucional no Brasil.

4. Relatos e análises das entrevistas em profundidade

4.1. Sobre os processos de criação da organização, seus sujeitos instituintes e o perfil da organização no contexto de agendas de direitos para enfrentamento do racismo institucional

As entrevistas em profundidade revelaram experiências diferentes dos sujeitos criadores em atuação nas organizações investigadas. As organizações de maior condensação política[1] se originaram de experiências e/ou vínculos com movimentos sociais de direitos, porém inserindo a visibilidade política e social da questão racial com a marca instituinte de sua identidade. É o caso específico da Ação Educativa e do Centro de Estudo das Relações de Trabalho e Desigualdades, originadas em pleno período da democratização das instituições do pós-regime autoritário civil-militar. É justamente esse o momento de maior expressão política dos movimentos sociais negros e de maior mobilização de suas agendas de direitos, com predominância particular na afirmação dos direitos humanos, dos direitos à educação e dos direitos à inserção no mundo do trabalho, como mediações para a superação das profundas desigualdades marcadas por recortes raciais no Brasil.

As instituições mais consolidadas atuam como *espaços de coordenações de coordenações*, uma vez que atuam em áreas além de seus universos particulares e próprios de ações e projetos, contribuindo decisivamente para a emergência de outras organizações, incidindo em políticas públicas e ampliando o campo de enfrentamento do racismo institucional. Identificamos, em nossas entrevistas, as potências irradiadoras e o papel de construção/mobilização de redes de movimentos, coletivos e grupos que vão além das ações que apresentam sua marca própria de formulação.

Observamos também a emergência de novos agentes e agenciamentos no campo de movimentação do enfrentamento do racismo, trazendo para a cena pública contemporânea outros sujeitos e outras agendas de construção de organizações. Surgem novos agentes no campo de enfrentamento do racismo e do racismo institucional e, com eles, novas formas de organização e inserção social de jovens negros e jovens negras são colocadas em evidência, traduzindo novos direitos exigidos. Direitos à

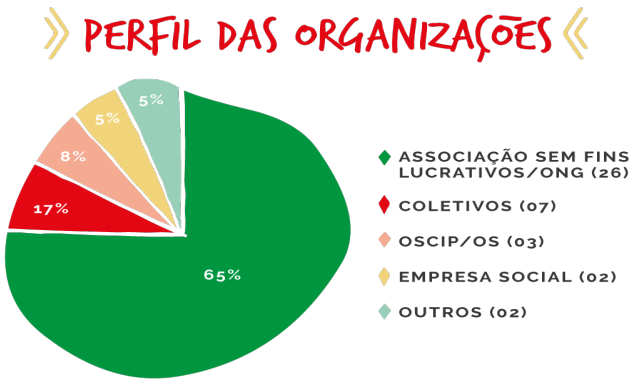
[1]Organização com papel destacado de formulação e de articulação de conceitos, proposições e ações que influenciam, abrigam e mobilizam organizações, coletivos e indivíduos em escala nacional, regional e local.

comunicação, à cultura, à arte e à tecnologia aparecem como demandas em destaque entre os entrevistados, inclusive relacionadas à inserção não subalternizada no mundo do trabalho.

Outra vertente da autoconstrução de agentes e de agenciamentos pode ser identificada nas organizações originadas de movimentos sociais das juventudes negras. Surgem de existências que se desejam afirmar. Por isso, tornam-se agentes e criam suas próprias dinâmicas de agenciamentos de formulação, mobilização, articulação e comunicação instituintes de modos particulares (e singulares) de elaboração e organização de agendas de direitos que lhes são mais significativos em sua esfera eleita de atuação.

> *(...) O Instituto surge na semana nacional da democratização. Todos eram [os criadores da organização] da área de Comunicação, Publicidade, Propaganda e Jornalismo. A Instituição possui o perfil da área de Comunicação mesmo, a gente surge justamente com esse desafio de fazer uma mudança e de instigar as pessoas para elas se atentarem com a comunicação.* (Rosalvo Neto. Instituto Mídia Étnica, Salvador/ Bahia).

Os diferentes formatos das organizações mais recentes podem ser explicados por opções políticas, por escolhas de modos inovadores de gestão e até pelo tempo ainda recente de sua criação. Todavia, estamos diante de um quadro de organizações atuantes e inovadoras, criadas por juventudes negras que merecem atenção pela qualidade de sua inserção sociopolítica, pela relevância das inventividades de suas ações e de suas contribuições significativas para agendas de direitos das juventudes negras.

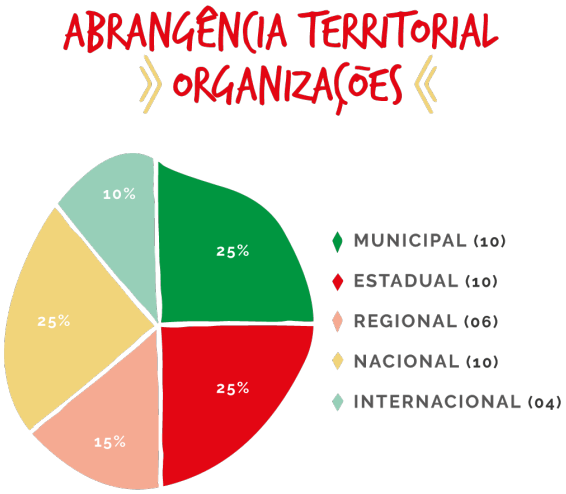


Em termos gerais, e em uma classificação por tipologias de natureza mais convencional, o perfil das organizações entrevistadas no roteiro semiestruturado foi identificado de acordo com a distribuição do gráfico ao lado.

4.2. Sobre a abrangência territorial das organizações que atuam no enfrentamento do racismo e do racismo institucional

A abordagem territorial é uma marca característica da atuação das organizações mapeadas e entrevistadas nesta pesquisa, em especial os territórios populares e periféricos de metrópoles e cidades. A concentração da população negra nesses territórios justifica esta centralidade de ações das organizações e dos coletivos. A referência à abordagem territorial merece destaque, pois, mesmo naquelas organizações que se expandem nacional, e até internacionalmente, ela se faz presente. A atuação no território é uma mediação fundamental para superação das relações raciais e da reprodução de desigualdade no cotidiano da cidade:

> *O território... assim, as ações têm acontecido num determinado local, que é o Bom Jardim. A ação acontece lá, mas a mobilização é pra todos os bairros do Grande Bom Jardim e da cidade também. A gente mobiliza pra que as pessoas se sintam à vontade, mas o objetivo mesmo é o Grande Bom Jardim* (Ingrid Ramiro. Maracatu Nação Bom Jardim, Fortaleza, Ceará).



As organizações entrevistadas possuem diferentes escalas de atuação. Elas assumem, portanto, espaço-temporalidades diferenciadas que exigem estruturas particulares para o desenvolvimento de atividades, coordenações específicas para elaboração e execução de projetos, recursos de sustentabilidade para a efetivação de ações e pessoal envolvido para a execução de projetos e gestão organizacional em graus distintos de complexidade.

4.3. Sobre o temário prioritário da agenda de direitos

A leitura das entrevistas possibilitou a identificação de um campo complexo de movimentação das organizações, da construção de seus sujeitos instituintes como agentes da palavra e da ação, assim como dos principais agenciamentos propostos. Enfatizamos em nossas entrevistas um diálogo com os representantes das organizações sobre as especificidades e/ou prioridades em suas agendas entendidas como

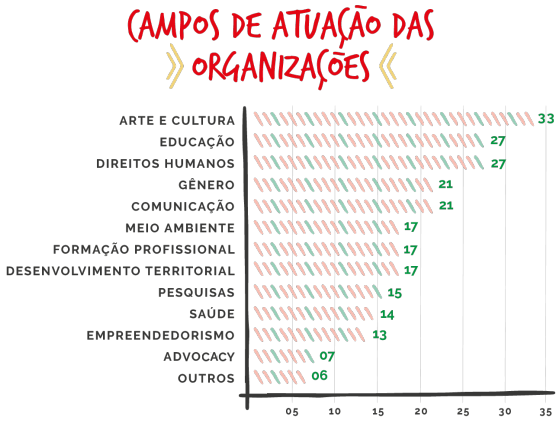
fundamentais dispositivos de afirmação e reconhecimento das juventudes negras como sujeitos plenos de direitos na cena política contemporânea. Os Direitos Humanos como dimensão de universalidade e indivisibilidade de direitos responde pelo *campo de movimentação* da Ação Educativa, embora a educação seja enfaticamente considerada como direito disparador da exigibilidade de outros e novos direitos fundamentais para superação da desigualdade social e racial na sociedade brasileira.

No campo de atuação das organizações denominadas espaços de condensação política, outros direitos disparadores são também tomados como fundamentais e, inclusive, tratados como transversais para o enfrentamento do racismo e do racismo institucional, tais como os relativos ao trabalho (superação do racismo em instituições públicas e privadas, notadamente de seus "critérios subjetivos" de contratação e posição subalterna de negros e de negras) a exemplo do Ceert, assim como dos direitos plenos de reconhecimento de gênero nas condições desiguais das mulheres negras, a exemplo do Geledés (São Paulo) e da Criola (Rio de Janeiro). Entretanto, nossas entrevistas em profundidade com organizações mais recentemente criadas por jovens negros e jovens negras buscaram compreender como esses novos sujeitos coletivos contribuem, atualizam e inovam o campo de movimentação de direitos.

> (...) *Nós somos uma instituição de natureza acadêmica, mas a compreensão da intelectualidade para a gente é outra. Nós não estamos aqui para repetir o modelo da ciência que a gente critica. Então, nós temos um perfil de intelectualidade negra que congrega o movimento social, os saberes tradicionais e a educação básica.* (Anita Benites. Associação Brasileira de Pesquisadores Negros. Brasília, Distrito Federal).

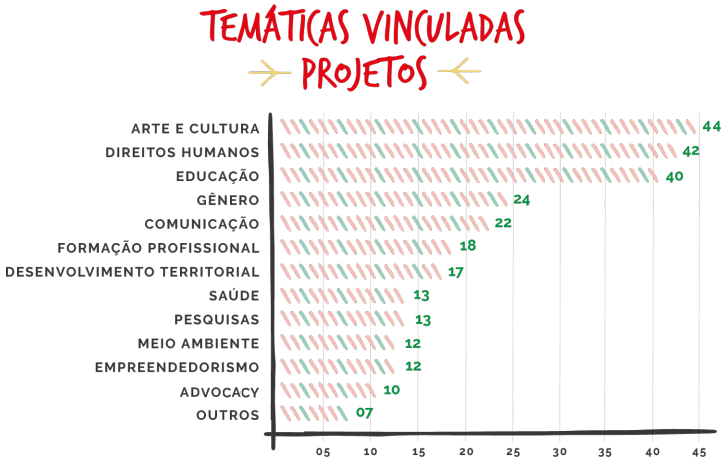
As entrevistas realizadas apontam para a construção renovada, ou melhor, permanentemente atualizada de uma agenda de direitos, incluindo a liberdade religiosa de matriz africana, construída por sujeitos coletivos em seus agenciamentos identitários diversos e dinâmicos, porém reiteradamente não reconhecidos pela sociedade e pelo Estado.

> (...) *a liberdade de crença, a nossa liberdade é sagrada. A liberdade do nosso percussionismo, que é uma pauta que a gente sempre bate, o direito de mostrarmos o que nós somos, não se esconder dentro, lá, no fundo do quintal, mas, sim, mostrar o que nós somos de verdade e sem nos intimidar* (Giuliano Freitas. Associação Brasileira de Pesquisadores Negros. Fortaleza, Ceará).



Um dos itens importantes de nossa pesquisa era a identificação do campo de atuação das organizações inscritas nas agendas das juventudes negras. Verificou-se, com as respostas obtidas, que Arte e Cultura são preponderantes como campo de atuação, seguida dos campos de Direitos Humanos e Educação, demonstrando sintonia com temáticas que são caras e cada vez mais relevantes para as juventudes negras como sujeitos de direitos plenos. Em muitas das organizações, os três campos se cruzam e se combinam no escopo de seus projetos.

No que concerne aos projetos desenvolvidos no âmbito das organizações, verifica-se, para além da pluralidade de temáticas, a consonância significativa com os campos de atuação identificados como prioritários. Cabe ressaltar, portanto, que as organizações buscam, com muita ênfase, coordenar seus campos temáticos aos projetos com os quais buscam materializar as intencionalidades de suas agendas de direitos.



4.4. Sobre a mobilização, o engajamento e a construção de pautas de agendas: os jovens na qualidade de sujeitos da palavra e da ação

Compreender os processos de mobilização, engajamento e construção de pautas desenvolvidos pelas organizações sociais dedicadas ao trabalho com jovens negros e jovens negras depende, inicialmente, da caracterização deste público do ponto de vista das próprias organizações. Neste sentido, o cenário de flagrante empoderamento e

tomada de protagonismo deste recorte da população é evidente, como informa uma de nossas entrevistadas:

> *Acho que temos uma juventude negra com novas formas de se organizar. São formas mais horizontais, utilizam a questão da estética como elemento importante da afirmação da identidade negra, utilizam as redes sociais como mecanismo não de convencimento, mas de denúncia. Identidade e ao mesmo tempo de disputa política e do imaginário coletivo. Uma parte desses grupos que se identificam como geração tombamento. "Tombamento" no sentido de tombar, de derrubar. Eles utilizam a estética – o corpo, o cabelo – no debate da igualdade racial.* (Macaé Evaristo. Secretaria de Educação de Minas Gerais).

Em meio a esta nova conjuntura, organizações criadas em décadas passadas enfrentam desafios para estabelecer diálogo e convergências com as juventudes negras em protagonismo. Novas dinâmicas de interação suplantaram as antigas; novos códigos, linguagens e demandas surgiram. A fim de romper tais incompatibilidades, a escuta e o diálogo franco em relações de igualdade se torna uma estratégia indispensável para as organizações com uma trajetória mais longa:

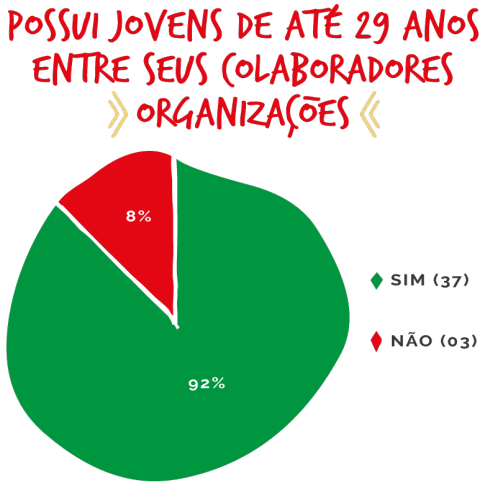
> *Mas eu estou aqui no centro de São Paulo. A gente dialoga muito com as universidades; como é que eu faço para saber o que é significativo para esse jovem, para essa jovem hoje? Só falando com eles. Então a gente precisa, eu acho, dar uma baixada de bola. Isso não é só a Ação Educativa. As organizações precisam baixar a bola e voltar a fazer uma discussão mais horizontal. Fazendo uma discussão horizontal, a gente se potencializa e a gente pode potencializar.* (Ednéia Gonçalves. Ação Educativa. São Paulo, São Paulo).

No que se refere aos processos objetivos de mobilização e de engajamento dos jovens nas atividades das organizações, as mídias digitais e as redes sociais desempenham um papel de extrema relevância na atualidade. Embora a presença no universo digital seja imperativa ao trabalho com a juventude no contemporâneo, outras estratégias de contato com os jovens também aparecem nos relatos extraídos das entrevistas em profundidade. O corpo a corpo, os diálogos presenciais, as rodas de conversa, os seminários, dentre outros encontros, são cruciais para a aproximação e para o comprometimento entre sujeitos e suas causas.

> *A gente usa mídia – rede social, mídia digital –, mas o principal é o boca a boca. Aí a gente pega toda a família, que divulga para os amigos, para os irmãos e às vezes até porque eles estão todos em grupo de risco. A verdade é essa.* (Leônidas Lopes. GPMS Models. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro).

Por sua vez, também foi constatada a participação em espaços mais abrangentes de organização, a fim de ampliar a incidência socioespacial de atuação. Este é um recurso

fundamental para reverberação de proposições e afirmação de um campo de movimentação temático, ou mesmo pluritemático, de direitos.



Um dado significativo que de certo modo explica a diversidade e atualidade dos campos temáticos das organizações entrevistadas é a presença de jovens em sua composição. Esse dado parece ser decisivo para a constituição de campos de movimentação e territórios de atuação. Acreditamos que esta presença ofereça às organizações um temário plural e próprio das juventudes negras e, sobretudo, contribua para a promoção de diálogos inventivos, engajamentos e sinergias com o conjunto dos jovens participantes como beneficiados diretos e indiretos dos projetos originados dos campos particulares de movimentação.

É preciso registrar com ênfase que, quando observamos o público preferencial das organizações entrevistadas, vinte e oito delas têm atenção exclusivamente voltada para jovens. Estamos diante de uma dinâmica de protagonismo de jovens, sobretudo no que concerne aos jovens negros e jovens negras na criação e desenvolvimento de organizações.

4.5. Sobre as parcerias, as articulações em rede e as estratégias de financiamentos

A presente pesquisa demonstra que as parcerias sem transferência de recursos assumem um papel fundamental nas atividades desenvolvidas pelas organizações sociais que atuam com jovens negros. Em certa medida, elas também podem ser entendidas como recursos, visto que contribuem para sua sustentabilidade.

> *E a gente não tem recurso financeiro de patrocínio, o que tem é parceria. Por exemplo, com o João Caetano: o João cedeu o espaço para a gente fazer a apresentação. E é sempre assim: a gente consegue no Carlos Gomes, que dá uma visibilidade para o grupo e a gente não precisa pagar o aluguel.* (Leônidas Lopes. GMPS Models. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro).

A parceria, entendida como recurso fundamental para a existência das organizações, exige maior mobilização de seus atores na construção de redes colaborativas, na medida em que a interação – metodológica, programática, temática, territorial – entre instituições apresenta valor comum. Ou seja, a parceria é percebida como relação que potencializa o trabalho em desenvolvimento de cada uma delas e de seu conjunto.

Entretanto, a demanda por recursos financeiros é premente – em alguns casos, urgente –, sendo indicada, inclusive, como um dos grandes limites no campo de movimentação em estudo. Para superar os graves limites, são mobilizadas estratégias diversas para a captação de recursos:

> *A forma de ganho que a gente tá tendo são os eventos, no qual a gente traz alimento, nanis pra vender e, além disso, tem os trabalhos que a gente anda circulando por alguns teatros ou locais que a gente fecha um cachê. Então, é de apresentação e de evento que a gente tá fechando pra se sustentar.* (Willian Ângelo. Laboral Crow. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro).

> *O financiamento da instituição é autossustento. A principal forma é o autofinanciamento; a gente coloca muito dinheiro do nosso bolso. A galera investe, mas também promove atividades que deem lucro, como venda de coisa, venda de camisa, venda de bandeira, venda de bebida; dependendo da festa, faz rifa, conta com apoios.* (Walmyr Gonçalves. Coletivo Enegrecer. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro).

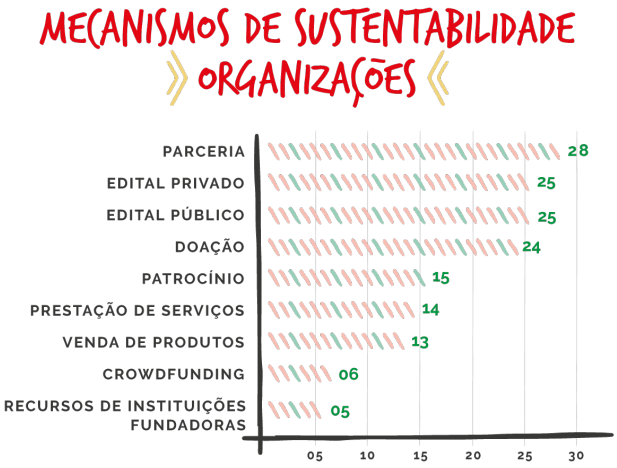
As modalidades mais participativas de autofinanciamento evidentemente não são suficientes para garantir a sustentabilidade das organizações. Sendo assim, é comum, mesmo para as organizações de atuação local, a busca incessante de participação em editais públicos e privados para o desenvolvimento de ações e projetos:

> *O projeto Matrizes continuou sempre, apesar de muitas dificuldades. A gente conseguiu ser contemplado quando passamos na Petrobras, na seleção pública; 750 pessoas foram capacitadas e geramos 15 empregos diretos e 750 indiretos aqui na comunidade.* (Márcia Pereira. Matrizes Que Fazem. São Gonçalo, Rio de Janeiro).

Embora sejam reconhecidos como decisivos e muito demandados pelas organizações em entrevista, os recursos públicos possuem acesso limitado devido a sua

disponibilidade e seu caráter seletivo, sobretudo quando se trata de expressões da cultura popular originadas de matrizes afro-brasileiras.

Portanto, as organizações precisam inventar permanentemente ações de sustentabilidade e mobilizar diferentes parcerias para a captação de recursos, que ocorrem em distintas escalas geográficas (das mais locais às internacionais). Muitas delas, em função de seu perfil jurídico e posição político-ideológica, contam, sobretudo, com os territórios de atuação e com os membros/participantes mais diretos de sua organização.



É imediatamente reconhecível a diversidade de linhas de sustentabilidade adotadas. Observa-se o uso significativo de parcerias interinstitucionais. A forte dependência de editais públicos e privados ainda é marcante em todas as organizações entrevistadas. Esta modalidade, embora importante, obriga muitas organizações a adequar projetos às linhas preferenciais das instituições públicas e privadas, com o agravante de ainda serem limitados os editais que reconhecem as temáticas próprias das juventudes negras em seu escopo de prioridades. A mobilização de outras linhas de captação de recursos – doação, prestação de serviços, venda de produtos – começam a ganhar maior frequência nas organizações.

4.6. Sobre as implicações da sustentabilidade na atuação das organizações, o campo de movimentação e seu diálogo com as políticas públicas

Os limites de financiamento vêm atingindo, com fortes impactos negativos, as organizações entrevistadas, inclusive as de maior condensação política e com maior percurso de atividade. Em muitas delas, a redução de recursos de financiamento vem implicando a redução da presença e da permanência de jovens nas organizações:

> *Eu acho que o lance do projeto é complicado porque, por exemplo, a princípio, ele é uma fonte interessante de arrecadar recurso, só que ele é temporário. O que acontece é que você desenvolve um projeto, um trabalho superlegal, e ele morre ou fica em* standby*, praticamente o recurso acaba e você não consegue*

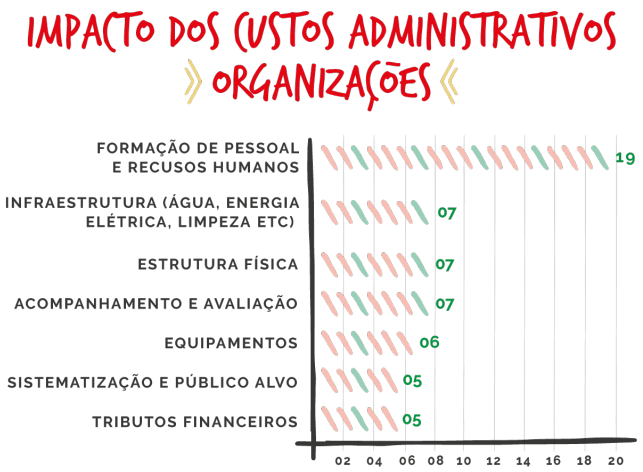
> *outro edital ou renovar esse contrato.* (Sara Branco. Ceert. São Paulo, São Paulo).

Há organizações que, por distintas razões, incluindo sua localização geográfica nacional, apresentam escassos projetos e convênios. Fica aparente a distribuição geográfica desigual de recursos públicos e privados destinados às organizações da sociedade civil, em particular às organizações que atuam no enfretamento do racismo em favelas e periferias.

> *Na nossa realidade, por ser uma instituição no Norte e, no meu caso, do Imená ser do extremo Norte, que é no Amapá, essa sustentabilidade via convênio ou via projetos mesmo é o melhor meio para a gente se autossustentar.* (Lorena Araújo. Imená. Macapá, Amapá).

O recuo dos aportes de financiamento públicos vem afetando as instituições, inclusive as de trabalhos reconhecidos em seus territórios de atuação e premiados por entidades públicas, tornando-as cada vez mais fragilizadas e, ao mesmo tempo, mais inclinadas à busca de outras formas de captação de recursos e até a seu próprio redimensionamento. Neste contexto, o papel desempenhado pelos institutos e fundações privadas no financiamento das organizações da sociedade civil também é destacado nas entrevistas:

> *Cada vez mais tem sido reduzida a possibilidade de você conseguir financiamento institucional. Eu acho que, como são atores [as instituições privadas de financiamento e fomento] muito recentes no trabalho de maior âmbito e nessas parcerias com as organizações da sociedade civil, ainda não está amadurecido para eles o quanto esse financiamento institucional é essencial para que você possa ter ações sustentáveis.* (Ednéia Gonçalves. Ação Educativa. São Paulo, São Paulo).



As principais áreas administrativas com relevante impacto nos custos administrativos revelam, para além dos efeitos esperados na estrutura física e nos serviços (água, energia, limpeza, internet etc.), atividades extremamente importantes para a qualidade do trabalho das organizações, como a formação de

pessoal e o acompanhamento/avaliação das ações e projetos. As atividades que acrescem as organizações de capital intelectual e são indispensáveis à condução das ações em projetos e demais atividades-fim são fragilizadas por não se fazerem presentes nos orçamentos financiáveis pela maioria das instituições de fomento.

Considerações Complementares

O estudo apresentado é um painel dos atos e das potências de organizações da sociedade civil envolvidas na construção e efetivação de agendas de direitos das juventudes negras. De imediato, deve-se destacar o papel fundamental das organizações entrevistadas na construção de uma Agenda de Direitos das Juventudes Negras, pois, além de suas ações temáticas e perspectivas de direitos, essas organizações são exemplares para afirmar a importância da sociedade civil na superação de desigualdades socioeconômicas e de distinções corpóreo-territoriais de direitos em nosso país.

A pauta identitária vem assumindo a condição de disparador de outros direitos à cidadania plena reivindicada pelas juventudes negras. As identidades culturais, religiosas e estético-corporais elaboram *pertenças de atitudes*, justamente as que animam a afirmação social e política dos jovens negros e das jovens negras na cena pública contemporânea, sobretudo quando se trata de organizações e juventudes de favelas e periferias urbanas.

Nossa pesquisa demonstrou que as organizações com maior condensação política atravessam um momento decisivo para a ampliação/renovação de seu quadro de agentes, notadamente com articulação maior e mais duradoura com juventudes e/ou com o ingresso de jovens nas estruturas da organização, deixando, assim, de apenas receber esse grupo social como público de projetos e ações.

Posicionamentos políticos e disputas de imaginários começam a ser assumidos pelas juventudes negras no sentido de construir sua apresentação de si e não mais aceitar serem representadas por instituições (mesmo que estas sejam de um campo comum a suas lutas por direitos) nem por outros atores institucionais. Neste cenário, a incorporação desses jovens fricciona, inventa e atualiza a cena do movimento de direitos das juventudes negras, assim como dispara processos de criação autônoma de suas próprias organizações.

Nesta perspectiva anunciada é que surgem os coletivos em movimentos diversos, porém fundados na identidade racial como mediação principal de conscientização, mobilização e engajamento político, social e cultural. Para esses coletivos que inauguram movimentos de afirmação das juventudes negras no contemporâneo, a busca de maior autonomia de organização combinada com o fortalecimento da identidade negra e com a elaboração de repertórios próprios constituem os principais pilares de seu perfil organizativo e sua inscrição na cena pública das lutas de direitos exigidos pelas juventudes negras.

A cultura, a comunicação e a arte desempenham um papel decisivo no modo de atuação desses coletivos, sendo estes entendidos como expressão de direitos e como mediação de visibilidade das demandas de outros direitos fundamentais, tais como educação, saúde e trabalho. É significativo ressaltar que esta maior incidência de produção, fruição e difusão de repertórios estéticos e culturais assumem um papel central tanto nas organizações com trajetória mais longa como entre as organizações mais recentes.

A importância da atuação em rede das organizações também se expressa com as parcerias constituídas entre as organizações. Parcerias que não envolvem necessariamente transferências de recursos financeiros, mas que são importantes para a sustentabilidade das ações e para a ampliação do impacto positivo das organizações que atuam com jovens negros e jovens negras. Apesar de significativas para a realização de ações e atestadoras de relações de solidariedade e cooperação, as parcerias não são suficientes para ampliar as ações transformadoras e mais contundentes para a superação do racismo no contexto das organizações sociais que participaram desta pesquisa.

As demandas por recursos financeiros ainda se fazem prementes – urgentes, em alguns casos – para a realização plena e efetiva das atividades centrais das organizações, sendo indicadas, inclusive, como um dos grandes limites do campo de movimentação em estudo. Ainda no que concerne à sustentabilidade, as estratégias para a mobilização de recursos são recorrentes e comuns para a maioria das entrevistadas, exemplarmente no que se refere aos editais, tanto públicos como privados, e aos patrocínios diretos.

De maneira geral, o financiamento via projetos é percebido como um elemento insuficiente e instável tanto em volume como em tempestividade. As demandas administrativas advindas desta modalidade de financiamento, aliadas às constantes

mudanças impostas às organizações para se adaptarem aos editais, acabam por configurar situações de descontinuidade de ações estruturantes das organizações.

Todavia, é notável o empenho das organizações no exercício de captação de recursos para viabilizar suas ações. A diversidade de linhas de sustentabilidade informadas demonstra a necessidade imperiosa de ampliar parceiros e instituições de fomento em um cenário de redução de editais públicos e privados, de recuo de apoios de financiamento de instituições estrangeiras e limitações para a inclusão de despesas institucionais em orçamentos de projetos.

A conjuntura política e econômica do Brasil é apontada como um dos principais motivos que justificam o recuo do investimento público em organizações da sociedade civil. O cenário político e econômico do país também desperta incertezas em relação aos investimentos de instituições internacionais, que sempre exerceram um papel significativo para a sustentabilidade de organizações brasileiras, inclusive as do campo do enfretamento do racismo institucional.

As organizações de juventude negra e que atuam com elas respondem por questões pertinentes aos direitos destas e se colocam como fundamentais no enfrentamento do racismo institucional. Para o cumprimento desse relevante papel, serão decisivos os apoios globais de instituições públicas e organizações privadas. Apoios que sejam contínuos e de longo prazo para seu desenvolvimento institucional e não exclusivamente para projetos e ações pontuais. Portanto, a ampliação do diálogo de instituições públicas com as organizações que atendem jovens negros e negras ou são formadas por eles e elas, assim como a incorporação mais ampla das empresas privadas fazem-se imperativos, sobretudo para promover agendas duradouras e eficazes de superação do racismo institucional. Este caminho político-institucional possui a qualidade de tornar possível o envolvimento e a mobilização mais ampla e democrática de superação das desigualdades fundadas e reproduzidas pelo racismo institucional, sobretudo por valorizar e reconhecer o papel primordial da sociedade civil e de suas organizações nos processos de afirmação e garantia de direitos plenos em nosso país.